

## O NEOLOGISMO POR COMPOSIÇÃO EM “O GUESA”, DE SOUSÂNDRADE: ALGUMAS ANÁLISES

Gisele ALVES\*

### 1. Considerações Iniciais

Este texto tem como proposta apresentar a coleta, descrição e análise de alguns neologismos criados pelo processo da composição na obra literária “O Guesa”, de Joaquim de Sousa Andrade ou Sousândrade, como é popularmente conhecido. Para tanto, inicialmente, esboçamos a maneira pela qual o *corpus* de nosso estudo foi organizado. Num momento posterior, partimos para uma breve biografia do poeta em questão, como também a um esboço geral de “O Guesa”, obra de maior representatividade dentro da produção literária sousandradina. Enveredando pelo campo teórico, procedemos à discussão teórica acerca da relação neologismo e léxico, com especial enfoque ao neologismo por composição. Por fim, procedemos à análise de algumas criações neológicas coletadas na obra literária em questão.

### 2. O *corpus*

---

\* Mestre em Lingüística pelo Instituto de Letras e Lingüística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia. Docente na Rede Municipal de Ensino de Catalão-GO.

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Para um glossário neológico da obra ‘O Guesa’, de Sousândrade: uma proposta”, apresentada ao Instituto de Letras e Lingüística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof. Dr. Evandro da Silva Martins.

O *corpus* analisado no presente estudo foi coletado na obra “O Guesa”, de Sousândrade, por meio do extrator de vocábulos de textos conhecido como *Folio Views*. Após a coleta da maioria dos substantivos e adjetivos, foi realizada uma consulta às seguintes obras lexicográficas de exclusão: “Diccionario da Lingua Portuguesa”, de Antonio de Moraes Silva, 2ª edição fac-símile, de 1813; “Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa”, de Caldas Aulete, 2ª edição, de 1881 e “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” de Cândido Figueiredo, 4ª edição, de 1925. A recorrência a tais obras lexicográficas justifica-se pelo critério estabelecido para o julgamento das formas neológicas, segundo o qual foi considerado neologismo aquela forma vocabular que não se encontrou atestada nos dicionários consultados.

Após a coleta e seleção dos vocábulos neológicos, foi efetuada a consulta aos três dicionários citados a fim de selecionarmos os neologismos que, posteriormente, foram submetidos à análise. Nesta parte, organizamos nosso *corpus* de forma que cada vocábulo foi elencado em ordem alfabética e constituiu-se de sua classificação gramatical, sua definição, a abonação para que o leitor contextualizasse-o no interior da obra literária pesquisada e, em seguida, uma observação lingüística que pudesse esclarecer o sentido da palavra mediante a definição e a abonação.

### 3. Sousândrade: sua biografia

Durante a segunda fase romântica, no Brasil, Joaquim de Sousa Andrade ou Sousândrade, como preferia ser chamado, desponta-se como um poeta pouco conhecido entre seus contemporâneos. Segundo Campos (2002), dotado de um estilo irreverente e ousado, o citado autor acentua tal característica por meio, dentre outras coisas, da bizarria de

seu próprio nome, que consiste na aglutinação de seu nome de família.

Estudos sobre a biografia de Sousândrade retratam que ele nasceu na fazenda Nossa Senhora da Vitória, próxima ao rio Pericumã, município de Guimarães, no estado do Maranhão, a nove de julho de 1832, vindo a falecer em São Luiz, a 21 de abril de 1902, levando consigo uma vida repleta de aventuras e de diversas peregrinações por todo o mundo.

Filho de José Joaquim de Sousa Andrade e de Maria Bárbara Cardoso, importantes fazendeiros pertencentes à elite nobre de Alcântara, muito precocemente, o poeta e sua irmã Ana ficaram órfãos de pai e mãe, desencadeando a desestrutura familiar e a ruína da fortuna herdada. Nas palavras de Campos (op. cit.), tais acontecimentos foram explorados anos depois pelo poeta, na obra “O Guesa”, em que é evocada sua infância feliz e exposto todo seu inconformismo provocado pela falência da fazenda Vitória.

A estes dados a respeito da vida familiar de Sousândrade, tais estudos biográficos revelam a fase errante que marcou sua vida. Campos (op. cit.) cita viagens do poeta pela Europa, Amazonas, Estados Unidos e vários países da América Latina, destacando que, durante permanência no país norte-americano, o poeta maranhense trabalhou incansavelmente partes do longo poema “O Guesa”, cujas primeiras datações remontam ao ano de 1858.

Dado seu contato com as mais diversificadas culturas, povos e realidades sociais, Sousândrade vivenciou, de forma muito próxima, as mazelas humanas e sociais. Campos (op. cit.) revela que a experiência deste autor com os diversos estilos de vida, característicos de diferentes povos, contribuiu para acender seu fervoroso espírito abolicionista e republicano, o que é comprovado pela intensa atuação como um desprendido cidadão e patriota de seu tempo. Lutou com muita veemência a favor da abolição da

escravatura, proclamação da República, reforma de desenvolvimento da educação, bem como da moralização dos costumes.

#### 4. “O Guesa”: um breve esboço

No que concerne à obra sousandradina de maior representatividade, é pertinente apresentar um breve arcabouço de “O Guesa”. Trata-se de um poema longo constituído de 13 cantos, dos quais os de números VI, VII, XII e XIII não foram concluídos. Seus primeiros cantos datam de 1858.

Na visão de Campos (op. cit.), em consonância com a moderna concepção de poema longo, esta obra encerra em si um entrecruzamento das linhas dramática, lírica, épica e narrativa. Depreende-se daí a rebeldia do poema em questão por não obedecer a uma classificação ortodoxa quanto aos gêneros de composição. Para fins didáticos, “O Guesa” é considerado como uma composição narrativa que não segue um desenvolvimento lógico-linear, mas que evolui, predominantemente, no plano da memória, tendo como pano de fundo a lenda indígena do Guesa Errante.

Para escrever o longo poema de 13 cantos, o poeta se reveste do Guesa, um personagem lendário conhecido por meio do culto solar dos indígenas da Colômbia. O Guesa, cujo nome significa errante, sem lar, era uma criança roubada dos pais e destinada a cumprir o destino mítico de Bochicha, Deus do Sol. Seria educado no templo da divindade até os 10 anos de idade, quando deveria partir para as peregrinações de deus, chegando ao final do sacrifício ritual aos 15 anos. Este ritual seria realizado numa praça de forma circular, onde o adolescente era preso a uma coluna e cercado por sacerdotes, chamados de “cheques”, e morto a golpes de flechas. Depois de morto, seu coração seria arrancado e oferecido ao sol, enquanto seu sangue seria

recolhido em vasos sagrados. Terminado o ritual, iniciava-se o novo ciclo astrológico de quinze anos em que uma outra criança seria raptada (o novo guesa), dando início a uma nova cerimônia.

Em virtude da indiferença de seus contemporâneos e de sua própria família, razões pelas quais apreciava viver andando como um verdadeiro peregrino pelo mundo, o poeta maranhense identifica o próprio destino e a própria biografia ao destino do guesa. “No plano histórico e social, assimila a esse destino o do selvagem americano, o ameríndio, sacrificado pelo conquistador branco”. (CAMPOS, op. cit., p. 48).

Em sua obra central, apesar de Sousândrade denunciar o sacrifício de que são vítimas os povos indígenas, é estabelecida uma visão reformadora desse estado de coisas, propondo uma nova ordem de valores, como a sugestão da criação de uma nova civilização americana. Em consonância com Campos (op. cit.):

De um lado, condenava as formas de opressão e de corrupção, profligando o colonialismo e satirizando as classes dominantes (a nobreza e o clero); de outro, preconizava o modelo republicano, greco-incaico, colhido na República social utópica de Platão e no sistema comunitário dos Incas, ou ainda numa livre interpretação das raízes do cristianismo. (CAMPOS, op. cit. p. 48).

Ao longo da trama de “O Guesa”, depreende-se a alternância de trechos que evocam o paraíso e outros que vislumbram o inferno; há a glorificação a heróis e a anti-heróis; consta a celebração dos fundadores do Império Inca e dos pais da República Norte-Americana; exalta os Libertadores das Américas procedendo da mesma forma com os conquistadores, monarcas e déspotas. Pode-se concluir que o poeta maranhense busca vislumbrar o movimento dialético da nossa história.

Por fim, cabe abordar com especial destaque um aspecto formal presente em toda a obra do poeta maranhense. Trata-se de um aspecto pertinente ao léxico que reside nas invenções vocabulares, principalmente na criação de palavras compostas.

##### 5. Neologismo e léxico

Conceitua-se neologismo como uma palavra de criação recente, de caráter inédito e novo que ainda não se encontra dicionarizada, ou seja, não estando lexicalizada, a nova forma lexical não está incorporada ao léxico geral da língua para uso comum dos falantes em suas múltiplas manifestações lingüísticas.

Guilbert (1975, p. 31) assinala que “a neologia lexical se define pelas possibilidades de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de enunciação inclusas no sistema lexical.” O citado autor sustenta que o sistema lingüístico porta um mecanismo organizado de regras de produção de palavras que rege o processo de criação vocabular sem que isto desencadeie incomunicabilidade e má interpretação das mensagens veiculadas entre os falantes.

Concebido como o aspecto social da língua, o léxico caracteriza-se pelo fenômeno da evolução e da continuidade. Sendo transmitido de geração a geração, constata-se que há uma parte do léxico que garante a eficácia da comunicação entre os mais diversificados falantes nos mais diferenciados contextos. Logo, entende-se que existe uma parcela permanente do léxico de uma língua resistente à renovação e qualquer sinal de mudança. Por outro lado, o léxico é alvo de constantes processos de renovação, dado o seu caráter representativo do universo da significação, do mundo dos homens que se caracterizam também por um constante dinamismo. Estas duas forças atuantes no léxico, a

conservação e a inovação, permitem que Guilbert (op. cit.) considere a composição do léxico, em um dado momento, como determinada pela ação contraditória dessas duas forças, sendo este equilíbrio entendido como garantia de uma renovação parcial e contínua do acervo lexical graças ao aparecimento de novas palavras e de novos sentidos, ao passo que outras palavras e velhos sentidos caem no desaparecimento.

Quanto à conservação lingüística, instaura-se a idéia de ignorar todo processo evolutivo que possa desencadear mudanças lingüísticas. Desse modo, toda neologia é considerada ofensiva à ordem lexical estabelecida. Qualquer tentativa de instauração de um novo sentido no emprego de uma palavra é considerada um desvio em relação ao sentido convencional desta palavra. Como defensor radical da conservação lingüística, Guilbert (op. cit.) cita o exemplo da sociedade monárquica de Vaugelas, onde a norma lexical era definida por palavras em uso atual, sendo o poder de criar novas palavras reservado somente ao monarca e a escrivães de renome. O modelo social e lingüístico era representado pela elite social dominante detentora dos meios de cultura e o padrão lingüístico era a língua escrita, uma vez que as produções escritas buscam respeitar a norma gramatical e lexical.

Seguindo a atitude da sociedade monárquica em nome da defesa do purismo lingüístico, Guilbert (op. cit.) cita a postura da Academia Francesa de propagar o léxico das obras de seus membros constituintes como o modelo de bom uso, uma vez que esta instituição visa representar a manutenção da tradição. Logo, trata-se de uma instituição resistente a todas as inovações lexicais advindas das crônicas jornalísticas de grande circulação, despontando-se mediante tal atitude, como um aparelho normativo que investe na manutenção do léxico da língua nos limites de uma rígida

tradição na tentativa de salvaguardar a língua nacional em sua pureza absoluta.

Refletindo sobre esta postura imposta pelos franceses, torna-se inviável barrar qualquer tentativa de renovação lexical na perspectiva da conservação lingüística, pois o léxico define-se como uma estrutura portadora de certa mobilidade que lhe confere uma abertura cada vez maior a todas as transformações processadas no âmbito político, social e econômico no seio de uma comunidade qualquer. Apesar de muitas criações lingüísticas não serem incorporadas ao léxico de uma língua, uma forte pressão de renovação é exercida sobre o sistema lexical de modo a colocar em indagação qualquer hipótese que tente manter viva a questão do purismo lingüístico.

## 6. O neologismo na composição

Verificada a ocorrência de neologismos por composição na obra “O Guesa”, de Sousândrade, consideramos a pertinência de desenvolver breves considerações teóricas a respeito da composição. Em função disso, recorreremos à tese de doutoramento “O processo de pluralização do composto nominal hifenizado”, desenvolvida por Martins (1995), devido ao seu embasamento teórico nos principais estudiosos que tratam do assunto em questão. Seriam eles: o filólogo Said Ali e os lingüistas Bloomfield, Lees e Benveniste.

### 6.1. As considerações de Said Ali

Sobre a composição, este autor trata, *a priori*, do conceito de composto nominal, estabelecendo uma distinção entre compostos de sentido literal e compostos metafóricos. A propósito de exemplificação, a palavra *pica-pau* (ave que trabalha com o bico nos troncos das árvores) ilustra o tipo de

composição de sentido literal e a forma vocabular *linda-flor* (nome vulgar conferido às plantas do gênero **Coreopsis**) refere-se às formas metafóricas.

Tendo em vista o trabalho com o conceito de composto nominal, Said Ali diferenciou a palavra composta, particularizada pela unicidade semântica, ao grupo sintático, em que o significado total resulta dos sentidos das formas constituintes das formas vocabulares compostas. A respeito da formação de palavras compostas, o citado filólogo revela a ocorrência de combinações que se encontram num estágio de transição, em vias de se tornarem palavras compostas, uma vez que, o usuário não tendo a sua disposição nomes específicos para designar alguma coisa, ele recorre ao uso da composição.

A forma *saca-rolhas* ilustra bem esta questão. Diante da necessidade de falar sobre um objeto cuja função seja sacar as rolhas de uma garrafa, o falante, primeiramente, cria uma frase para descrever o objeto (objeto que saca rolhas). Logo, por meio de algumas elipses, esta frase é transformada em um composto: **saca-rolhas**. Este procedimento, observado por Said Ali, o leva a tecer algumas considerações sobre os princípios postulados pela Gramática Gerativa Transformacional que viria apresentá-los alguns anos depois. Alguns exemplos visam esclarecer estes princípios: a) objeto que saca rolhas – *saca-rolhas*; b) instrumento que quebra nozes – *quebra-nozes*; c) ave que beija flor – *beija-flor*.

Observando os exemplos acima, percebe-se que os compostos são derivados dos enunciados, de forma que da construção sintática se origina a unidade composta.

## 6.2. As considerações de Bloomfield

Abordando a questão da composição numa perspectiva estruturalista, Bloomfield chama a atenção para

o “*princípio dos constituintes imediatos*”, o que vem possibilitar a distinção de determinadas classes de palavras. Segundo este princípio, as palavras podem ser classificadas em *secundárias* e *primárias*. As primeiras correspondem àquelas que contêm formas independentes (obra-prima, matéria-prima, surdo-mudo), ao passo que as segundas constituem-se de formas presas (de-ter, re-ceber).

Como Said Ali, o lingüista norte-americano também afirma que o processo de formação de palavras compostas se aproxima das construções da sintaxe, concepção esta que antecipa a teoria gerativo-transformacional no que se refere ao composto.

Entendendo que, na maioria das línguas, existe certa semelhança entre os principais tipos de palavras compostas, salva alguma variação ou restrição, Bloomfield estabelece duas linhas de classificação para o composto. A primeira está vinculada à relação entre os componentes e a segunda está centrada na relação entre o composto em sua totalidade com seus componentes. Desse modo, tem-se a classificação dos compostos em *sintáticos*, *semi-sintáticos* e *assintáticos*.

Os compostos sintáticos são aqueles cujos membros constituintes comungam a mesma relação gramatical das palavras do enunciado sintático (ex.: dedo-duro / dedo duro, copo-de-leite/ copo de leite).

Num estágio intermediário entre os sintáticos e os assintáticos, se situam os compostos semi-sintáticos. Neste caso, existe uma relação paralela à construção sintática correlacionada, porém com a presença de um traço distintivo entre ambos. No tocante a este traço, a identidade e a diferenciação entre o composto e o grupo sintático não são muito seguras. O exemplo a seguir mostra que a diferença se centra somente na posição dos constituintes (ex: puro-sangue / sangue puro).

Os chamados compostos assintáticos designam aquelas formas em que seus componentes não se combinam

em construções sintáticas, sendo encontrados então, somente no interior das combinações em que funcionam como constituintes. O exemplo *pintassilgo* demonstra que o membro *silgo* é um componente único, não encontrado em nenhum outro vocábulo.

A segunda linha de classificação estabelecida por Bloomfield comporta as construções endocêntricas e as construções exocêntricas. O composto denominado endocêntrico diz respeito à construção que apresenta a mesma classe morfológica do membro constituinte nuclear ou a mesma classe dos dois constituintes. No exemplo *salário-família*, os dois constituintes bem como todo o composto pertencem à classe gramatical dos substantivos. Por outro lado, se a classe gramatical do vocábulo composto não coincidir com a dos componentes, teremos um composto exocêntrico. Em *bem-fazer*, a forma composta é um substantivo, ao passo que “bem” é classificado como um advérbio e “fazer” como um verbo.

### 6.3. As considerações de Lees

Nos domínios da Gramática Gerativo-Transformacional, constata-se o pioneirismo empreendido por Robert B. Lees quanto à descrição dos compostos resultantes de enunciados lingüísticos. Dentro desta perspectiva, Lees busca descrever os compostos analisando as relações sintáticas inerentes às estruturas subjacentes.

No caso do composto *drawbridge*, o estudioso acima mencionado atesta que esta forma é resultado da transformação do enunciado “bridge for someone to draw”. Conforme este postulado, depreende-se uma relação sintática que se instaura entre os componentes *draws* e *bridge*, de forma que, na estrutura subjacente, o primeiro funciona como verbo e o segundo como objeto direto. Dessa forma, visando realizar um estudo descritivo dos compostos

com base na sintaxe, Lees se atém por completo às questões sintáticas subjacentes às estruturas compostas.

#### 6.4. As considerações de Benveniste

Benveniste enfoca a integração do processo composicional na prática descritiva e na classe de palavras, destacando a necessidade de situar a composição nominal no campo da morfologia. Logo, o exame dos componentes da forma composta, sua flexão e tipologia devem ser enquadrados nos domínios morfológicos.

Porém, há casos em que a morfologia não se mostra totalmente suficiente para esclarecer certas questões sobre função, necessidade e fonte dos compostos, pois tal exame não se limita ao estudo das formas vocabulares. Benveniste concebe os compostos como organizações sintáticas, o que deixa transparecer o postulado de que o estudo da composição sustentado pelas premissas da morfologia não pode ser dissociado das premissas da sintaxe.

Constata-se certa carência do processo de formação de palavras por composição na România. Em contrapartida, em outras línguas derivadas do latim, as chamadas línguas neolatinas, este processo se apresenta bastante produtivo. A indagação a ser feita reside no fato de que, ao passo que as línguas românicas, também oriundas do latim, apresentam um processo composicional improdutivo, as línguas neolatinas desvendam uma realidade oposta. Este fato seria de difícil explicação se sua análise se restringisse somente à morfologia. Por outro lado, havendo consenso de que a composição é fruto de construções sintáticas, esta análise não seria tão incoerente.

Quando a oração é transformada em composto, a predicação é suspensa e o novo enunciado passa a ser cristalizado de forma virtual. Uma vez virtualizado, o composto deixa implícitos traços sintáticos e semânticos,

que contribuirão para a recuperação da oração hipotética. Destarte, evidencia-se que a fonte dos compostos é de natureza sintático-semântica, sua análise cabe à morfossintaxe e à semântica.

7. Neologismo por composição: amostra de algumas análises

**1) ALBO-CANDIDISSIMO:** adjetivo. Idéia superlativa referente à brancura, à limpidez, à pureza ou à transparência de alguma coisa.

Abonação: “*Ao coração raízes e tão bellas / Que o negrume á paixão de amor fazia; / Era a divina limpidez escura / Da sombra ao sol candente nos desertos, / Era <alba-candidissima> e na alvura / D’este silencio os deuses seus despertos.*” [...] (p. 156).

**ALBO**

A. M. S. (1813):

V. alvor.

ALVOR: s.m. A

alva do dia.

**CANDIDISSIMO**

A. M. S. (1813):

Superlativo de candido.

CANDIDO: adjetivo.

Alvo, mui branco. Fig. Puro de costumes. Singelo, simples, ingenuo, innocente.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neologismo formado por composição, em que se justapõem o substantivo “albo” e o adjetivo “cândido” no grau superlativo. Esta nova palavra busca referir-se à pureza, à transparência e à claridade sugeridas pela sombra que se irradia do sol.

**2) ALVO-UMBROSO:** adjetivo. Atribuição ao que é excessivamente mesclado de claro e escuro.

Abonação: “*Cae a neve; pendei, grinalda pura / Da terra infante, brancas açucenas / Sonhos dos ares, das regiões serenas / Imagens voai, cobrí a sepultura! / E os plainos e a collina e o valle e a serra / Co’o mesmo manto vestem-se, e*

*nitente / Matinal, <alva-umbrosa>, alva-silente, / Tranquilla ondula-se a extensão da terra. / Silencio mago e candido das neves! / Solidões brancas dos sagrados seios! / Oh minha mãe! Quão breves são, quão breves / Estes céus puros, de outros céus alheios!” [...] (p. 267).*

**ALVO**

A. M. S. (1813):  
adj. Muito branco.

**UMBROSO**

A. M. S. (1813): adj.  
poet. Onde ha sombra, assombrado, que dá sombra; v. g. o rio umbroso, o valle umbroso. Cam. Eclg. 2. o bosque, o pavelhão, a selva umbrosa. Eneida, IX. 22. alfaya umbrosa. Maus. f. 10.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Este neologismo é formado pela justaposição dos adjetivos “alvo” e “umbroso”. Conforme a abonação, predomina-se a idéia de que todos os elementos da natureza (valle, collina, serras e terra) são protegidos por um manto que lhes traz uma agradável sombra. Supõe-se que o adjetivo “alvo” funcione como um prefixo, buscando realçar a idéia de brancura, pureza e limpidez proporcionadas por esta sombra.

**3) BANANEIRA-SCIENCIA:** Substantivo. Idealização metafórica de plantação de bananas portadoras de sabedoria científica.

Abonação: “*Raia o sol qual commenda, / Resplenda Sobr’o imperio da ran! \_Musa paradisiaca Já no Eden floriu, <Bananeira-sciencia>, / Sapiência Que o Senhor prohibiu.*” [...] (p. 39).

**BANANEIRA**

A. M. S. (1813): s.  
f. Planta, a qual é um tronco, que consta de varias sobrecapas, e folhas que o coroaõ grandes, e

**SCIENCIA**

A. M. S. (1813): s.  
m. Conhecimento, noticia.  
\* Conhecimento certo, e evidente das coisas por suas causas; v. g. a

**largas; produz o seu fruto em cachos, que constão de varias pencas; é o mesmo a que na Ásia chamão figo.**

**Geometria he huma sciencia. \* Sciencia infusa, revelada. \* O conhecimento daquillo em que somos instruidos.**

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Idealizando um ambiente paradisíaco, onde tudo parece estar em completa harmonia, o eu-lírico faz uma referência a um possível vegetal (bananeira) que possa ser dotado de características humanas. Para tanto, recorre à composição das bases “bananeira” e “sciencia” para formar o neologismo analisado.

**4) CAMA-FOGO:** Substantivo. Idéia de combates, ataques, guerras, vinganças contra alguém ou alguma coisa.

Abonação: “(*Hospitalidade venenosa; eccho dos prelos do Libano ;*) / — ‘ *Merry Wives*’ !! *Katies! ás armas! . . / <Camas-fogo>, . . . fogo no réu ! / = Respondam aos frades As madres. . . / ‘ Terremoto’ á noite no céu! . .”* [...] (p. 249).

**CAMA**

A. M. S. (1813): s.

f. Leito de dormir, com o aparelho pertencente para isso. \* fig. O covil, ou jazido do porco, veado, e outras veações. \* O assento que nos meloães se faz para os melões, é um pedaço de terra mais levantado, e bem revolvida. \* Cama de bretão: mantas, ou balças de sargaço, ou trombas. \* Fruta da primeira cama, a que amadurece primeiro. \* Vinhos de cama, aquelles a que se não dá curtimento. Alarte, f. 148. \* Estar de cama, não se erguer della

**FOGO**

A. M. S. (1813): s.

m. Um dos quatro elementos, quente e seco: o mesmo elemento desenvolvido na madeira, e tudo o que é combustível. \* Fogo vivo, é o que nas queimas dos matos se ateya nos troncos; morto, o que pega nas ramas. \* Direito de fogo morto, é o que tem o arroteador de alguma terra, para não ser expulso della pelo proprietário. \* Arrendar alguma fabrica; v. g. um engenho com um, ou dois annos de fogo morto; de comum se faz, quanto está a

por doença. \* Fazer a cama a alguém, fig. dar má informação, acusá-lo. \* Cama de cal; a que se applica rebocando a parede. \* Cama de sal; a porção com que se cobre a coisa, que se salga. Vieira.

outros por festa. \*

A fogo lento; queimando pouco e pouco. \* Estar a fogo e a sangue com alguém, ou contra alguém: mui irado e desejoso de vingança. \* Fogo actual, t. cirurg. o cautério do ferro em braza: potencial; o cáustico. \* Fogos artificiaes, os que se fazem com polvora, por brinco, e festa. \* Fogo; muitos tiros d'armas: v. g. fazer fogo contra o inimigo: dar fogo; pó-lo, v. g. á fogueira, ao arcabuz, ao canhão, para disparar. \* Casa, ou família: v. g. lugar de vinte fogos. \* Ardor, vehemencia: v. g. o fogo da mocidade; e f. das paixões: o fogo da herezia. V. do Arceb. L. 6. c. 25. \* Fogos: chamas amorosas. Ferreira, Écloga II. t. I. f. 200. e f. 227. t. I. se me calo os meus fogos são mais fortes; e Hist. de Isea, f. 70. meus ardentes fogos não tem podido mudar teu cruel animo. \*

fabrica, e officina incapaz de laborar, e por isso não se paga a renda no anno ou annos de fogo morto. V. Morto. \* Fogos artificiaes; na Guerra, são bombas, granadas, &c. item, os foguetes do ar, e

Tomar fogo: conceber paixão. \* Atiçar o fogo; fig. a sanha, discórdia, paixão. Couto, 4. 4. 2. \* O fogo dos olhos, de quem tem muita viveza, ou paixão. \* Povoar uma terra de fogo morto; i. é. , de todo, não havendo antes num uma só casa, ou fogo nessa terra. Leão, Cron. \* Arma de fogo, a que se atira, e emprega por meyo da pólvora quem em si contém; v. g. pistolas, arcabuses, bacamartes, &c. e assim bocas de fogo. \* Fogo, ou fogos: foro de 48 réis, que se paga em Chaves, e suas visinhanças ao Rei pelo S. Martinho, aliás Martiniega. Elucidar. \* Casal de fogo morto; deshabitado. Idem.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neste caso, trata-se de um neologismo por composição composto pela justaposição dos substantivos “cama” e “fogo”. Interpretando a abonação acima, observa-se que o substantivo “cama” referencia a idéia da arma usada no combate e o substantivo fogo indica a idéia de luta, traição ou guerra, covardemente, preparada contra alguém.

**5) DOCE-UMBROSO:** adjetivo. Característica metafórica do que transmite, com um certo ar de mistério, leveza, serenidade, doçura e suavidade.

Abonação: *“Qual se, de dentro o pêso, as arrancasse, / De um coração de chumbo; mais vorace / O rubro labio, o*

*olhar das chammas válidas / (Eram-lhe pardos olhos, oh! preclaros, / Bellos qual os de um deus! tão <doce-umbrosos> / Sobre a calma do olhar, tão silenciosos,” [...]* (p.113).

**DOCE**

A. M. S. (1813):

adj. Que causa no paladar sensação semelhante á que ahí causa o mel, assucar. \* fig. Suave, agradável: v. g. doce voz, melodia: doce memória, ou lembrança; doce engano; doce morte. Camões. \* Doce de fazer, i. é. , suave. M. Lus. \* Ferro doce; o que não é pedrez, mas dobra, e corta-se sem quebrar, e faz correya. \* Lançamento doce, se diz o da escada, que é o menos íngreme. \* adverb. “doce tanges Pierio, doce cantas:” com ellipse de mente. Ferr. Egl. 2.

**UMBROSO**

A. M. S. (1813):

adj. poet. Onde há sombra, assombrado, que dá sombra; v. g. o rio umbroso, o valle umbroso. Cam. Eclg. 2. o bosque, o pavelhão, a selva umbrosa. Eneida, IX. 22. alfaya umbrosa. Maus. f. 10.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em conformidade com o contexto supracitado, o neologismo por composição “doce-umbrosos” é empregado como um adjetivo que, a partir do adjetivo “doce” expressa qualidades como leveza, serenidade e tranqüilidade, ao passo que, a partir do vocábulo “umbroso”, são expressos os sentidos de mistério e obscuridade.

**6) FIRMAMENTO-adEUS:** Substantivo. Referência poética ao horizonte que, quando apreciado, transmite-nos um sentimento de saudosismo e de partida.

Abonação: “*Foi a esta hora. O crepusculo doirava / De Kaxamarka as lucidas encostas; / Inti as flôres mais bellas esmaltava / <No firmamento-adeus>. — E hi vêm-se oppostas / Faces da humanidade: oh! não ao forte / Solar clarão e nem à noite escura; / Lede dos Incas nascimento e morte / Nesta hora vesperal saudosa e pura!*” [...] (p. 295).

**FIRMAMENTO**

A. M. S. (1813): s. m.  
O Ceo que Ptolomeu dizia estar fixo, e parado. \* O Ceo estrellado, ou onde estão as estrellas fixas.

\* A pessoa, ou coisa que assegura, e faz estável. A fê é o firmamento da Religião, e a boa razão, e a crítica apurada o forão da fê, com ellas se distinguirão, &c.

**ADEUS ou**

**ADEOS**

A. M. S. (1813):  
A Deus: se te deixo. Sá Mir. Vinhalp.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Contemplando o findar de mais um dia, é ressaltada a beleza do crepúsculo dourando as encostas da região de Kaxamarka e a beleza das flores que adornam o horizonte. Supõe-se que o neologismo em questão foi criado no sentido de encerrar uma idéia de saudosismo e de lembranças quando apreciado.

**7) HOTEL-CIDADE:** Substantivo. Referência a hotéis cuja estrutura e porte de auto-suficiência, suntuosidade e grande extensão assemelha-se à estrutura de uma cidade.

Abonação: “*Volveu benigno olhar que os céus descobre, / E em Saratoga esplendida, elle a estrella / Sua seguindo, viu-a abrir as azas; / E dos <hoteis-cidades> lá nas piazzas / Longe a branca visão perdeu-se d’Hella.* [...] (p. 213).

**HOTEL**

A. M. S. (1813):  
Verbetes inexistente.

**CIDADE**

A. M. S. (1813): s.  
f. Povoação de graduação

<p>C. F. (1925): m. Neol. O mesmo que hospedaria, especialmente hospedaria asseada ou luxuosa. (Fr. hotel).</p>	<p>superior ás Villas. Antigamente derão este nome a Villas, ou Concelhos, e povoações grandes. V. Elucidar. Art. Cidade. * A Cidade por excellencia se entende daquella onde estão os que fallão.</p>
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Nota-se que a composição neológica “hotéis-cidades” não corresponde à nomeação de um hotel com características comuns, mas sim a uma estrutura hoteleira que se destaca das demais devido à sua grandiosidade e auto-suficiência.

**8) NEGRO-ARIDO:** adjetivo. Caracterização funesta e triste daquilo que apresenta aspecto de esterilidade e aspereza.

Abonação: “*Mas, á hora em que a luz se despedia, / Que a natureza pallida ficava / E ao seu adeus a terra estremecia, / <Negro-arido> o ermo, e se calava; / E que os morros ethereos caminhando / Agrupavam-se ao livido occidente, / Aos abyssmos d'além p'ra longe olhando, Por cima do horizonte, ao sol cadente*” [...] (p. 97).

**NEGRO**

A. M. S. (1813):  
 adj. De côr preta como a tinta de escrever, o carvão apagado. \* fig. Infausto, triste, desgraçado: v. g. negras novas; negra consolação. Sá Mir. tudo a fim de conservar a negra Prelazia. M. Lusit. negra hora. Eneida, XI, 7.

**ARIDO**

A. M. S. (1813):  
 adj. Seco, estéril. Cam. campos aridos. Arraes, 8. 4. mãos aridas para dar esmolas.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Diante da ausência de luz, da palidez e da presença de abismos, o ambiente representado na abonação acima se apresenta com um aspecto extremamente fúnebre. Desse modo, o neologismo por composição “negro-arido” busca denotar este sentido de lugubridade.

**9) NEGRO-AZUL-AUREO:** adjetivo. Caracterização poética referente ao que irradia uma coloração escura realçada por tons azuis e dourados, cujo brilho assemelha-se à irradiação do ouro.

Abonação: “Soberbamente a lua magestosa! / Pátria de amor em campos de jacinthos, / Enlevos da donzella harmoniosa: / “Do céu <negro-azul-aureo> sobe ao throno! / Desdobraram-se em chammas os luares,” [...] (p. 124).

<b>NEGRO</b>	<b>AZUL</b>	<b>AURE</b>
A. M.	A. M.	<b>O</b>
S. (1813): adj.	S. (1813): adj.	A. M. S.
De côr preta como a tinta de escrever, o carvão apagado. * fig. Infausto, triste, desgraçado: v. g. negras novas; negra consolação. Sá Mir. tudo a fim de conservar a negra Prelazia. M. Lusit. negra hora. Eneida, XI, 7.	Cor da massa extrahida do anil; a cor, que tem o Ceo limpo, é azul celeste; alias pombinho, fino: o claro é mais aberto que o celeste. Azul ferrete; apertado, fechado, turqui é o escuro. * Servidores de azul, da Misericórdia, trazem sotaina azul.	(1813): adj. poet. De oiro, ou doirado: v. g. aureo tecto. * Que abunda de oiro, a aurea Chersoneso. Lusíada, e Arraes. * Brilhante, rutilante, o aureo Apollo. * fig. Cor de oiro: v. g. “os cabellos aureos.” * Que tem oiro sobreposto. * De fio de oiro: v. g. a aurea rede, ou coifa. Mal. Conq.

2. 100. \* Licor aureo; v. g. o mel. \* Estilo aureo; polido, nobre. \* Regra aurea. V. Regra de Tres. \* Espírito aureo: medicamento. \* Numero aureo; t. de Chronol. é o período de desenove annos, em que os novilúnios tornão a cair nos mesmos dias; os Romanos o assinalavão em seu Calendario com lettras e numeros de oiro, e dahì tem o nome.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em consonância com a interpretação do contexto acima, é exaltado o ar de magestade da lua e a beleza do céu. Supõe-se que, visando destacar a beleza deste céu, o neologismo por composição “negro-azul-aureo” funciona com o intuito de realçar suas cores brilhantes e vivas.

**10) PHRASE-AROMA:** Substantivo. Referência poética àquele tipo de frase que soa bem aos ouvidos. Trata-se de dizeres que servem para tranqüilizar alguém, aliviar alguma dor, esclarecer alguma dúvida, trazer paz a quem necessita. Abonação: *“Teve a innocencia, amor; luz, o astro eterno; / Do alheio mal, teve ella a negra palma, / Da inveja e os*

*cancros em carnal incesto, / Eil-a tomando fôrmas, a calumnia, / De um sorrir gracioso, um fino gesto, / Um vago dizem \_\_\_ 'Vêde a infausta mumia!' / Vêde\_\_na rosea lingua, que innocente / <Phrase-aroma>, a que a dor toda se aplaca! / Vêde ! vêde! Oh! a bocca pestilente! / Que negra podridão verte a cloaca !...” [...] (p. 112).*

**PHRASE**

A. M. S. (1813): V.

Frase.

**FRASE:** s. f.

Qualquer combinação de palavras, que não fôrma uma sentença, onde não entra verbo nos modos principaes:

v. g. cheyo de pavor; nação cruel, e fera: talvez uma sentença breve; v. g. vive Deus; vai-te lá; venha cá; &c.

**AROMA**

A. M. S. (1813): s.

m. Droga cheirosa, como encenso, bejoim, hervas, e lenhos cheirosos, balsamos, oleos, unguentos de muita fragrância. \* fig. Cheiro suave.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Interpretando a abonação, nota-se que sentimentos ruins como a inveja e a calúnia vão, aos poucos, tomando forma, criando, desse modo, um ambiente repleto de mazelas. Em meio a tudo isso, são ditas coisas boas e livres de maldades que aliviam qualquer tipo de dor. No sentido de encerrar a idéia de palavras doces mencionadas com função de superar qualquer mal, o neologismo por composição “phrase-aroma” parece se adequar a tal sentido.

8 - Considerações Finais

O presente estudo objetivou investigar se Sousândrade busca criar novos substantivos e novos adjetivos, em sua maior parte, por meio do processo da composição. A não dicionarização da forma vocabular nos três dicionários utilizados como textos de exclusão

constituiu o critério adotado para julgarmos uma forma vocabular como neológica ou não.

Diante da análise, pudemos verificar a recorrência de vocábulos neológicos constituídos a partir da composição ao longo de “O Guesa”. Em relação ao recurso da composição como processo formador de neologismos, um caso bastante interessante que encontramos foi o adjetivo “negro-azul-aureo”, em que três bases são justapostas, ao passo que a maioria dos outros casos reside na criação de palavras em que se justapõem duas bases, como pode ser constatado nos neologismos “bananeira-ciencia”, “doce-umbroso”, “phrase-aroma” e outros. Portanto, acreditamos que “O Guesa” desponta-se como uma obra literária de grande representatividade no quadro das pesquisas voltadas ao processo de formação de neologismos compostos, configurando como um rico material para as futuras pesquisas de natureza lexicológica.

#### **Referências bibliográficas:**

- AULETE, F. J. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Editora, 1881. 2 v.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade**: processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981. 323 p.
- BOULANGER, Jean-Claude. **A criação lexical na modernidade**. *Lê Language et l’homme*, Quebec, v. 4., p. 45-67, 1990.
- CAMPOS, A; CAMPOS, H. **(Re) Visão de Sousândrade**. 3. ed. rev. aum. São Paulo: Perspectiva, 2002. 647 p.
- FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. aum. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1925. 2 v.
- GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975. 101 p.

MARTINS, Evandro Silva. **O processo de pluralização do composto nominal hifenizado**. Araraquara: UNESP, 1995. 207 p. (tese de doutoramento).

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. ed. rec. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813. 2 v.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. **O Guesa**. ed. fac-símilar da ed. 1. provomida por Jomar Moraes. São Luís, Edições SIOGE, 1979. 365 p.